



<https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v13.1081>

Uma Progressão Lógico-Histórica para a Ideia de Identidade de Gênero

A Logical-Historical Progression for the Idea of Gender Identity

Antônio C R Costa¹

Resumo

Este artigo constitui um exercício de aplicação de uma particular interpretação do método hegeliano de *análise histórica* à ideia de *identidade de gênero*. Ele mostra que a *sequência* de quatro ideias de *identidade de gênero* (a ideia binária, a ideia quaternária, uma ideia multiária derivada dos trabalhos de Carl Jung e a ideia de Judith Butler) pode ser compreendida como constituindo uma *progressão lógico-histórica*, no sentido hegeliano do termo, com a configuração de tal progressão sendo orientada por um *conceito lógico estruturador* dada pelas duas formas do conceito lógico de *fundamento* (fundamento condicionado e fundamento incondicionado), tal como Hegel as expôs na *Ciência da Lógica*. As quatro ideias de identidade de gênero são comparadas relativamente a diversos aspectos: (i) dependência do *binarismo biológico*; (ii) *binariedade/não-binariedade, polarização/não-polarização, finitude/infinitude* e *discrição/continuidade* do espaço de identidades que cada uma delas constitui; (iii) caráter de *expressividade/performatividade* das identidades; (iv) *fixidez/variabilidade* destas. Ao final, o artigo considera um conceito adicional: o conceito de *drama social*, proposto por Victor Turner, é mostrado ser um conceito capaz de caracterizar o *operador de transição* da progressão lógico-histórica definida neste artigo.

Palavras-chave: Identidade de gênero. Matriz de identidade de gênero. Análise lógico-histórica.

Abstract

This paper is an exercise in the application of a particular interpretation of the Hegelian method of *historical analysis* to the idea of *gender identity*. It shows that the *sequence* of four ideas of *gender identity* (the binary idea, the quaternary idea, a multiary idea derived from the work of Carl Jung, and Judith Butler's idea) can be understood as constituting a *logico-historical progression*, in the Hegelian sense of the term, with the configuration of such a progression being guided by a *structuring logical concept* given by the two forms of the logical concept of *ground* (conditioned ground and unconditioned ground), as Hegel expounded them in the *Science of Logic*. The four ideas of gender identity are compared with respect to several aspects: (i) dependence on *biological binarism*; (ii) *binarity/non-binarity, polarization/non-polarization, finitude/infinitude*, and *discreteness/continuity* of the *space of identities* that each of them constitutes; (iii) *expressiveness/performativity* character of identities; (iv) *fixity/variability* of identities. At the end, the article considers on additional concept: the concept of *social drama*, proposed by Victor Turner, is shown to be

¹ Doutor em Ciência da Computação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil; doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

E-mail: antonio.rocha@edu.pucrs.br; <https://orcid.org/0000-0001-7954-8420>

a concept capable of characterizing the *transition operator* of the logical-historical progression defined in this article.

Keywords: Gender identity. Matrix of gender identity. Logico-historical analysis.

1 Introdução

Tornou-se corrente, hoje em dia, caracterizar as ideias de *identidade de gênero* como *binárias* ou *não-binárias*, em função do número de *identidades de gênero* que admitem, sendo essas duas alternativas consideradas como antagônicas e não articuláveis entre si.

Este artigo visa mostrar que é possível articular os tipos binários e não-binários de ideias de *identidade gênero*, evidenciando que não são tipos antagônicos, mas que podem ser vistos como formando uma *progressão lógico-histórica*, em um sentido específico, derivado da correspondente noção hegeliana. Em particular, o artigo mostra que *quatro realizações históricas* da ideia de *identidade de gênero* - as ideias *binária*, *quaternária*, "*Junguiana*" e *Butleriana* - formam as *quatro etapas* de uma tal progressão lógico-histórica.

A *ideia binária* de identidade de gênero é ideia, tradicional, de que há apenas duas identidades de gênero: a *masculina* e a *feminina*. A *ideia quaternária* diferencia a ideia binária com base na noção de *orientação sexual*: *masculina heterossexual*, *masculina homossexual*, *feminina heterossexual* e *feminina homossexual*. A ideia aqui denominada "*Junguiana*" é derivada do conceito de *gênero* que está presente na *Psicologia Analítica* de Carl Jung, tal como esse conceito foi apresentado por John A. Sanford (1980). A ideia aqui denominada *Butleriana* é aquela que extraímos da leitura de alguns dos textos de Judith Butler, especialmente *Problemas de Gênero* (Butler, 2003).

O artigo está organizado como segue. A Seção 2 apresenta algumas noções preliminares: a ideia geral de *identidade de gênero*; o método hegeliano de *análise histórica* e a correspondente noção de *progressão lógico-histórica*; e os conceitos hegelianos de *fundamento condicionado* e *incondicionado*. Adicionalmente, a seção antecipa o resultado da análise lógica realizada Seção 4.5, onde se mostra que a *ideia Butleriana* estabelece a *performatividade* como o *fundamento incondicionado* da *ideia de identidade de gênero*.

A Seção 3 caracteriza, em termos gerais, a noção de *progressão lógico-histórica da ideia de identidade de gênero* proposta no artigo. As Seções 4 a 7 definem em detalhe as quatro etapas da progressão.

A Seção 8 apresenta uma visão geral dessa *progressão lógico-histórica* por meio de esquemas caracterizadores de suas etapas.

A Seção 9 apresenta o conceito de *drama social* proposto por Victor Turner (1986) e mostra que tal conceito é bem aplicável à caracterização do *motor histórico* da progressão definida no artigo.

A Seção 10 é a Conclusão.

2 Noções Preliminares

2.1 Identidades de Gênero: Instituídas, Constituídas e Atribuídas

Para as finalidades deste artigo, convém distinguir entre três diferentes tipos de *identidades de gênero*:

- *identidades de gênero instituídas*: são aquelas construídas historicamente no contexto da cultura de uma determinada sociedade;

- *identidades de gênero constituídas*: são aquelas que os indivíduos ou grupos de indivíduos atribuem a si mesmos, seja conscientemente, seja de modo inconsciente;

- *identidades de gênero atribuídas*: são aquelas que indivíduos ou grupos de indivíduos *atribuem*, conscientemente ou inconscientemente, a outros indivíduos ou grupos de indivíduos, sem que estes últimos tenham, necessariamente, algo a dizer sobre essa atribuição.

O artigo está centrado na ideia de *identidade de gênero atribuída*, embora leve em conta, também, a relação que este tem com as outras duas ideias.

2.2 Uma Leitura do Método Hegeliano de Análise Histórica

O método de *análise lógica de processos históricos* formulado por Hegel em sua *Filosofia da História* (Hegel 2008) pode ser lido como sendo constituído pelos seguintes elementos:

- a escolha de um conceito para qual se quer determinar uma *progressão lógico-histórica*, considerado então como *conceito de referência*;
- a escolha de um *período histórico* em relação ao qual a análise vai ser realizada, o que inclui uma determinação social, geográfica e cultural para o mesmo;
- a escolha de um conceito lógico, dito *conceito lógico determinante*, cuja sequência de etapas de *desenvolvimento*, no sentido hegeliano do termo, passa a operar como aquilo que denominamos *conceito lógico estruturador* da análise;
- identificação e caracterização de eventuais *formas de realização histórica* do *conceito de referência*, sendo que por *forma de realização histórica* deve entender-se o *conjunto de determinações* com que esse conceito se faz presente na cultura da sociedade considerada, no período em questão;
- a determinação da ocorrência ou não de uma *sucessão temporal* de formas de realização histórica do *conceito analisado*, tal que cada uma dessas formas possa ser tomada como uma *instanciação* da correspondente etapa de desenvolvimento do *conceito lógico determinante*; a ocorrência de uma tal sucessão temporal constitui o que denominamos uma *progressão lógico-histórica* para o conceito analisado.

Note-se que a lógica desenvolvida por Hegel na *Ciência da Lógica* (Hegel, 2016; Hegel, 2017; Hegel, 2018) mostra que conceitos que parecem ser *antagônicos* são, muitas vezes, conceitos *interdependentes*, seja por meio de *uma única transição*, que ocorre imediatamente entre eles, seja por meio de um *processo de desenvolvimento lógico*, composto de uma *sequência de transições*, em que um dos conceitos é tomado como *etapa inicial* do processo e o outro como *etapa final*. Esse tipo de processo de desenvolvimento lógico caracteriza a estrutura de desenvolvimento do *conceito lógico estruturador* que, enquanto *estrutura estruturante*, possibilita que uma sequência de *conceitos realizados historicamente*, aparentemente incompatíveis entre si, possa ser vista, enquanto *estrutura estruturada*, como uma *progressão lógico-histórica* de um mesmo *conceito de referência*.

A Figura 1 mostra, por meio de uma estrutura de três níveis, o esquema genérico do *método hegeliano de análise histórica*:

- o nível superior corresponde ao *conceito de referência* (CR):
- o nível intermediário corresponde ao desenvolvimento do *conceito lógico estruturador* (CL), constituído pela sequência de *etapas do desenvolvimento* indicadas por (CL1, CL2, ..., CLn);
- o nível inferior contém uma sequência de *conceitos realizados historicamente* (CH1, CH2, ... , CHn);
- as setas verticais tracejadas indicam que cada *conceito realizado historicamente* (CH1, CH2, ... , CHn) é visto como uma *instanciação* do *conceito de referência* (CR), conforme determinado pela forma lógica da correspondente etapa (CL1, CL2, ... , CLn) do desenvolvimento do *conceito lógico estruturador*.

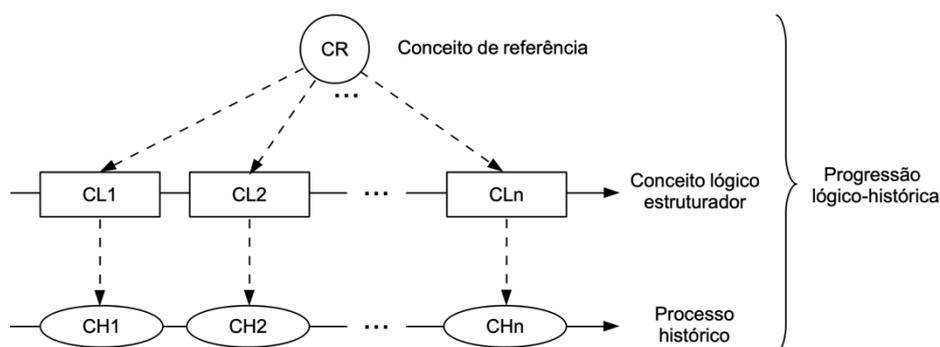


Figura 1: Esquema genérico de uma progressão lógico-histórica.

Note-se, porém, que a *correspondência estritamente vertical* entre a sequência de etapas do desenvolvimento do *conceito lógico estruturador* (CL1, CL2, ..., CLn) e a sequência de *conceitos realizados historicamente* (CH1, CH2, ..., CHn), mostrada na Figura 1, constitui uma representação simplificada do método. O método não só não exige essa correspondência estritamente vertical, admitindo a intercalação das etapas históricas em qualquer ordem, como também não exige que as duas sequências tenham a mesma quantidade de etapas, desde que a *sequência histórica* tenha pelo menos o mesmo tamanho que a *sequência lógica*, possibilitando que uma dada etapa lógica possa ser instanciada por mais de uma etapa histórica (como é o caso da progressão lógico-histórica da ideia de *identidade de gênero*, definida no presente artigo - ver Seção 4).

2.3 Os Conceitos Hegelianos de Fundamento Condicionado e Incondicionado

Apresentamos nesta seção as duas formas do conceito de *fundamento*, que encontramos na *Doutrina da Essência* de Hegel (2017): o *fundamento condicionado* e o *fundamento incondicionado*. Esses conceitos são definidos a partir dos conceitos gerais de *fundamento*, *condição* e *coisa existente*.

Hegel introduz os conceitos gerais de *fundamento*, *condição* e *coisa existente* no item C do terceiro capítulo da primeira seção da *Doutrina da Essência* (Hegel, 2017, p.122-131).

Por *fundamento* de uma *coisa*[†], Hegel entende um conceito que contém em si todas as *determinações essenciais* dessa coisa. Por *condição* do fundamento de uma coisa, Hegel entende o conjunto de *determinações essenciais* dessa coisa que são *imediatas*.

Hegel define uma *coisa existente* como aquela cuja *condição* e cujo *fundamento* são idênticos, isto é, aquela em que as *determinações essenciais imediatas* são exatamente todas (isto é, todas e apenas) as *determinações essenciais*. Expressando essa última ideia de outro modo, Hegel diz que uma coisa *emerge na existência* (ou: que é *coisa existente*), somente se sua *condição* e seu *fundamento* são idênticos.

Hegel diz que uma coisa cujo *fundamento* é idêntico à sua *condição* tem um *fundamento incondicionado*. Uma coisa cujo *fundamento* não é idêntico à sua *condição* tem um *fundamento condicionado*. Em outros termos, apenas as coisas que têm *fundamento incondicionado* são *coisas existentes*.

Note-se que, no desenvolvimento lógico do conceito de *fundamento*, o conceito de *fundamento incondicionado* é a forma completa desse conceito e deriva do conceito de *fundamento condicionado*, que constitui a etapa inicial daquele desenvolvimento.

[†] *Sache*, no original, significando *aquilo que está em questão*; não *Ding*, no sentido de *objeto concreto*, que está, ou poderia estar, em um algum lugar e tempo determinados.

2.4 A Performatividade como Fundamento Incondicionado da Ideia de Identidade de Gênero

A *ideia de identidade de gênero* de Judith Butler (2003) tem por característica principal tomar as *performances de atos de gênero* como os elementos *identificadores do gênero*. Mais precisamente, a *ideia Butleriana* estabelece uma *identidade* entre *performances de atos de gênero* e *identidades de gêneros*: as *performances* caracterizam plenamente as *identidades de gênero*, as características das *identidades de gênero* são aquelas presentes nas correspondentes *performances*.

Quer dizer, a *ideia Butleriana* estabelece a *performatividade* de conjuntos de *atos de gênero*, a qual é determinável *imediatamente*, como o *fundamento incondicionado* da operação de *atribuição de identidades de gênero* e, portanto, da própria *ideia de identidade de gênero*.

3 Uma Visão Geral da Progressão Lógico-Histórica da Ideia de Identidade de Gênero

3.1 Esquema Preliminar da Progressão

A Figura 2 esquematiza, de modo preliminar, a estrutura da progressão lógico-histórica da ideia de identidade de gênero definida neste artigo.



Figura 2: Esquema preliminar da progressão lógico-histórica definida no artigo.

O esquema é preliminar porque não estão explicitados nem o *conceito de referência* nem o *conceito lógico estruturador*. Apenas uma sequência de quatro *etapas do processo histórico* está apresentada. Por isso mesmo, essas etapas têm identificação apenas preliminar, isto é, ao completar-se a caracterização da estrutura da progressão lógica, com a escolha do *conceito de referência* e do *conceito lógico estruturador*, elas poderão ser definidas de modo mais preciso.

3.2 O Conceito de Referência

O que permite caracterizar de modo mais preciso o *tipo geral* das etapas históricas de uma progressão lógico-histórica é a escolha do *conceito de referência*: aquelas etapas terão o mesmo tipo desse conceito, porque serão escolhidas entre as realizações históricas do mesmo.

Por outro lado, o método hegeliano de *análise histórica* prescreve não só que as análises das diferentes etapas da progressão sejam feitas levando em consideração as possíveis relações entre os conceitos que as caracterizam e o conceito que caracterizam a etapa final, mas prescreve também que seja escolhido como *conceito de referência* um dos conceitos caracterizadores da *etapa terminal* da progressão. No caso da progressão lógico-histórica da ideia de identidade de gênero enfocada neste artigo, tal etapa final é a *ideia Butleriana* de identidade de gênero.

Conforme será exposto na Seção 4.5, o conceito geral que caracteriza a definição da *ideia Butleriana* de *identidade de gênero* é o conceito de *matriz de inteligibilidade de gênero*. Esse conceito é escolhido, então, neste artigo como o *conceito de referência*. Com isso, as *etapas* do processo histórico podem ser escolhidas mais precisamente como sendo as *matrizes de inteligibilidade de gênero* que determinam as ideias constituintes daquelas etapas históricas.

Isto é, a progressão lógico-histórica da ideia de *identidade de gênero* pode ser pensada em termos de um processo histórico constituído por uma sequência de matrizes de inteligibilidade de gênero (a *matriz binária*, a *matriz quaternária*, a *matriz Junguiana* e a *matriz Butleriana*), conforme detalhado a seguir.

3.3 O Conceito Lógico Estruturador

O conceito lógico escolhido como *conceito lógico estruturador* é o conceito de *fundamento*. Seu desenvolvimento lógico consiste em uma sequência de *duas etapas*, quais sejam, os conceitos de *fundamento condicionado* e *fundamento incondicionado*, conforme apresentado na Seção 2.3.

3.4 Esquema Final da Progressão

A forma final da progressão lógico-histórica da ideia de identidade de gênero definida neste artigo é esquematizada na Figura 3.

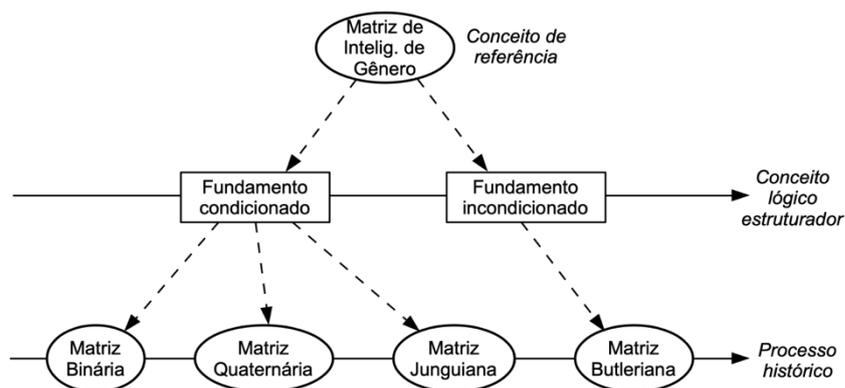


Figura 3: Esquema final da progressão lógico-histórica da ideia de identidade de gênero.

Note-se que o esquema da Figura 3 indica explicitamente que as etapas do processo histórico, compostas por realizações históricas do conceito de referência, devem ser escolhidas pelo critério de se conformarem à exigência de terem por fundamento ou um *fundamento condicionado* ou um *fundamento incondicionado*.

A figura mostra, então, que para a progressão lógico-histórica da ideia de identidade de gênero, foram escolhidas *três etapas históricas* constituídas por *matrizes de inteligibilidade de gênero* cujos fundamentos são *condicionados* (matriz binária, matriz quaternária e matriz Junguiana) e *uma etapa histórica* constituída por uma matriz cujo fundamento é *incondicionado* (matriz Butleriana).

Nas próximas seções, analisamos em detalhe cada uma das quatro matrizes que compõe essa progressão.

4 A Matriz Binária

A matriz *binária* é a matriz de inteligibilidade de gênero tradicional², que contempla duas identidades: a *identidade masculina* e a *identidade feminina*. Ela

² Limitamos a *tradição* examinada neste artigo aos últimos 100 anos da cultura ocidental de matriz europeia e sua correspondente difusão globalizada.

é o principal alvo de crítica de Judith Butler em *Problemas de Gênero* (Butler 2003), em função de duas características, por ela consideradas restritivas, as quais a *matriz Butleriana*, por ela proposta, procura superar (ver Seção 4.5).

A primeira característica é a *obrigação* que toda pessoa tem de *escolher uma* entre as duas únicas identidades de gênero contempladas na matriz, para que possa atribuir (a outre ou a si mesma) uma *identidade de gênero legítima*. Essa característica, Butler refere pela expressão *heterossexualidade compulsória*, originalmente introduzida por Adrienne Rich (1980).

A segunda característica é a *fixidez compulsória* da identidade de gênero atribuída, impedindo as pessoas de legitimamente variarem essa sua identidade. Essa característica, Butler procura superar incorporando na *matriz Butleriana* a noção de *identidade de gênero fluida*.

Do ponto de vista lógico, a *matriz binária* adota como *critério de atribuição de identidades de gênero* a vinculação dessas identidades às *características biológicas* (sexo masculino, sexo feminino) da pessoa em questão. Expressamos esse critério dizendo que a matriz binária regula a atribuição de identidades de gênero com base no *binarismo biológico*.

A vinculação direta entre as *identidades de sexo* e as *identidades de gênero* (na forma *sexo masculino* → *gênero masculino*, *sexo feminino* → *gênero feminino*) é uma vinculação entre dois tipos de identidades que, desde o ponto de vista da *matriz Butleriana*, se determinam com base em critérios referentes a *campos de observação* diferentes: a *identidade de sexo* é determinada por observação do *corpo* da pessoa em questão, ao passo que a *identidade de gênero* é atribuída por meio da observação das *condutas* da pessoa, condutas cujos componentes (*comportamentos* e *sentimentos*) Butler denomina *atos de gênero* (ver Seção 4.5).

Essa vinculação só pode ser estabelecida, portanto, fazendo os dois tipos de identidade (*identidade de sexo* e *identidade de gênero*) se vincularem através de uma *relação de causalidade*, da qual não há como mostrar que é isenta de condicionantes históricos e culturais. Da qual não há como mostrar, portanto, que é uma *relação necessária* (ou: que essa vinculação é uma *relação natural*, como se costuma dizer ao se pressupor a possibilidade de substituir o conceito lógico de *necessidade* pelo conceito ôntico de *naturalidade*).

Em termos lógicos, o *binarismo biológico* é apresentado como *fundamento* da operação de *atribuição* de identidade de gênero e, por isso, da própria *ideia de*

identidade de gênero. Contudo, é claro também, que não é apenas no *sexo biológico* que se encontram as *determinações essenciais* das identidades de gênero. Claramente, portanto, o *binarismo biológico* (porque é proposto como *causa* dessas identidades, mas sem ser capaz de caracterizá-las plenamente) constitui-se como *fundamento condicionado* destas.

Finalmente, apresentamos na Figura 4 a esquematização do que denominamos *espaço de identidades de gênero* determinado pela *matriz Binária*, isto é, o *conjunto das identidades de gênero* que podem ser *legitimamente* atribuídas a alguém, com base nessa matriz.



Figura 4: Espaço de identidades de gênero legítimas da *matriz Binária*.

Dizemos que esse *espaço de identidades de gênero* está *polarizado*, no sentido de que as identidades nele presentes constituem *polos extremos* do conjunto que identidades que compõem aquele espaço. Adicionalmente, vê-se que ele é um *espaço discreto*, isto é, um espaço em que não ocorrem *transições contínuas* entre as identidades que o constituem, o que impede que esse espaço dê conta de *todas* as identidades de gênero *possíveis* (cf. a *matriz Butleriana*, na Seção 4.5).

5 A Matriz Quaternária

A *matriz quaternária* se apresenta atualmente como uma tradição em fase final de consolidação, sendo plenamente aceita por boa parte da mídia, atualmente.

Ela estende o *fundamento condicionado* proposto pela *matriz binária* (qual seja, o *binarismo biológico*) com uma ideia adicional: a ideia de *orientação sexual*.

Essa ideia de *orientação sexual* tem caráter *binário*, dado em termos de orientações *heterossexuais* e *homossexuais*, estabelecendo *quatro identidades de gênero* diferentes:

- masculina heterossexual;

- masculina homossexual;
- feminina homossexual;
- feminina heterossexual.

Essas quatro *identidades de gênero* são caracterizadas, porém, por um aspecto limitante: a *fixidez compulsória* (no mesmo sentido em que são *fixas e compulsórias* as *identidades binárias*). Isto é, a *matriz quaternária* pressupõe tanto que as *identidades quaternárias* não variam no tempo quanto que qualquer outra *identidade de gênero*, que não seja uma dessas quatro, é *ilegítima*.

Do ponto de vista lógico, a combinação de *binarismo biológico* com *binarismo da orientação sexual* é insuficiente para identificar todas as *determinações essenciais* da *ideia de identidade de gênero*. Isto é, essa combinação se constitui apenas como *fundamento condicionado* dessa matriz.

A junção da *ideia de orientação sexual* à *ideia de binarismo biológico* tem por efeito lógico, portanto, apenas ampliar a *variedade* de identidades de gênero *legítimas*, mas ainda não fez por alcançar o *fundamento incondicionado* da *totalidade* das identidades de gênero *possíveis*.

A Figura 5 esquematiza o *espaço de identidades de gênero* determinado pela *matriz Quaternária*, evidenciando a *estrutura discreta* desse espaço.

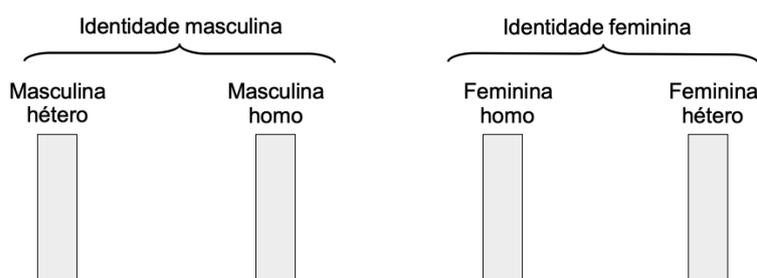


Figura 5: Espaço de identidades de gênero legítimas da matriz Quaternária.

6 A Matriz "Junguiana"

6.1 O Caráter Problemático desta Matriz

O que denominamos *matriz Junguiana* deriva do trabalho de Carl Jung, criador da forma de psicanálise conhecida por *Psicologia Analítica*. Por dois

motivos, porém, ela é a matriz mais problemática entre aquelas que compõem a progressão da *ideia de identidade de gênero* proposta neste artigo.

Em primeiro lugar, porque essa *matriz Junguiana* não foi motivada por uma leitura de textos do próprio Jung, mas por uma leitura de um texto secundário, o livro de John A. Sanford (1980), cujo primeiro capítulo apresenta resumidamente o modo como Sanford, ele mesmo, compreende a ideia Junguiana de gênero.

Em segundo lugar, porque a *matriz Junguiana* que consideramos aqui não é, propriamente, a formulação da ideia Junguiana apresentada por Sanford, mas sim uma *generalização lógica* dessa formulação.

Em outros termos, essa matriz está afastada da *ideia de identidade gênero Junguiana* por pelo menos dois níveis de distanciamento lógico. Por isso, a dizemos que ela é uma *matriz Junguiana de caráter lógico* e a indicamos simplificada pela expressão *matriz "Junguiana"*, as aspas evidenciando esse duplo afastamento lógico da *ideia de identidade de gênero* própria de Jung. Por outro lado, denominamos *matriz Junguiana "propriamente dita"* a matriz de inteligibilidade de gênero derivada da exposição de Sanford.

Quer dizer, distinguimos aqui:

- a *matriz Junguiana propriamente dita*, que derivaria da leitura dos textos do próprio Jung, mas que não efetivamos aqui;
- a *matriz Junguiana "propriamente dita"*, que derivamos da exposição realizada por Sanford e que apresentamos na Seção 4.3.3;
- a *matriz "Junguiana"*, de caráter lógico, que introduzimos na Seção 4.3.4 e que analisamos, na seção 4.3.5, quanto ao tipo do seu *fundamento*.

6.2 Os Arquétipos Anima e Animus

Os *arquétipos* são os *componentes essenciais* da psique humana, segundo Jung, e são *padrões de comportamento* instintivos, não aprendidos. Em particular, há *dois arquétipos*, denominados *anima* e *animus*, respectivamente (Sanford, 1980, p.6):

- *anima* é o arquétipo (padrão de comportamento) feminino;
- *animus* é o arquétipo (padrão de comportamento) masculino.

Ambos estão presentes em cada pessoa e sua *atuação conjunta* determina a *identidade de gênero* dessa pessoa.

6.3 O Espaço de Identidades de Gênero da Matriz Junguiana "Propriamente Dita"

Claramente, no entanto, Jung pressupõe o *binarismo de gênero*, que proscreeve que *homens* exercitem sua *anima* (padrão de comportamento feminino) em si mesmos e que *mulheres* exercitem seu *animus* (padrão de comportamento masculino) em si mesmas. Com isso, o procedimento normal de *homens* e *mulheres* é o de *projetar* seu arquétipo oposto (*anima*, nos *homens*; *animus*, nas *mulheres*) em pessoas do sexo oposto.

É esse *arquétipo oposto projetado* que estabelece, na pessoa que realiza a projeção, a *atração* por pessoas do sexo oposto (Sanford, 1980, p.7), estabelecendo o fundamento da *heterossexualidade* dessas pessoas.

A *matriz Junguiana "propriamente dita"*, portanto, tem basicamente um conteúdo *binário* (gêneros *masculino* e *feminino*), mas com uma modificação essencial. Jung introduziu a ideia de *grau de intensidade* nas *atuações* dos arquétipos. Mais precisamente, relacionou essas *intensidades* com a presença de maior ou menor *quantidade* de *genes masculinos* e *genes femininos*, em cada pessoa (Sanford, 1980, p.11-12).

Isto é, essa matriz estabelece que não há uma única intensidade fixa, com que *anima* e *animus* atuam nas diferentes pessoas, mas sim uma *variação de grau de intensidade*, uma *gradação* nas intensidades de atuação desses arquétipos entre diferentes pessoas.

Como resultado, a *matriz Junguiana "propriamente dita"* determina o *espaço de identidades de gênero* cuja forma está mostrada na Figura 6.

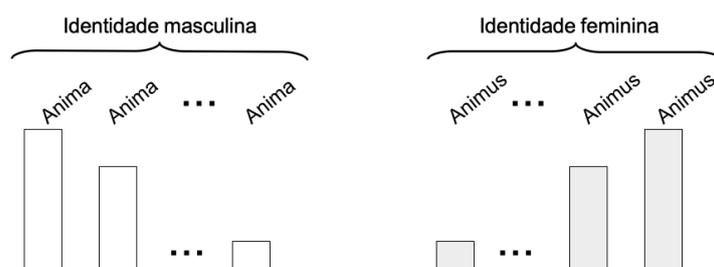


Figura 6: Espaço de identidade de gêneros da *matriz Junguiana propriamente dita*.

Além do *binarismo de gênero*, ainda que atenuado pela presença dos *graus de intensidade*, outra característica marca a *matriz Junguiana "propriamente dita"*, qual seja, a *fixidez* das atribuições de *identidade de gênero*, conformando-se, portanto, ao padrão da *heterossexualidade compulsória*. Ainda que a *intensidade* com que o *arquétipo oposto projetado* atua em cada pessoa varie, conforme as *diferentes projeções* de seu *arquétipo oposto*, que a pessoa vai fazendo ao longo da vida sobre *diferentes pessoas* do sexo oposto, o caráter *binário* básico de sua *identidade de gênero* não varia: conserva-se ou como *identidade masculina* ou como *identidade feminina*.

Por outro lado, há na literatura algumas interpretações da ideia Junguiana de *identidade de gênero* que contemplam a possibilidade de ela abranger *identidades não binárias*. Claramente, no entanto, essas interpretações trabalham com uma *matriz de inteligibilidade de gênero* que é essencialmente a *matriz "Junguiana"*, proposta neste artigo, e não a *matriz Junguiana propriamente dita*.^{††}

6.4 O Espaço de Identidades de Gênero da Matriz "Junguiana"

A *matriz "Junguiana"*, que introduzimos nesta seção, deriva da *matriz Junguiana "propriamente dita"* por meio de uma operação lógica de *generalização*. Esta consiste no abandono do *binarismo biológico* como um *determinante* da identidade de gênero e na *explicitação* dos dois arquétipos (*anima* e *animus*) em *toda pessoa*, conforme a Figura 7.

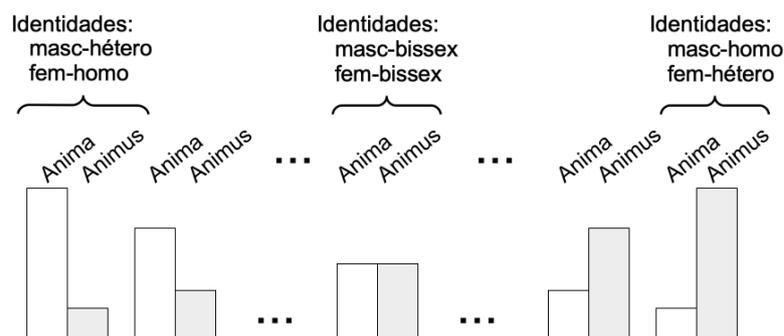


Figura 7: Espaço de identidades de gênero da matriz "Junguiana".

^{††} Ver (Franco 2019), p.ex., para o uso da noção Junguiana de *integração de polaridades* visando superar a leitura *binária* do par de arquétipos *anima/animus*.

Note-se que, em consequência, essa *matriz "Junguiana"* consegue dar conta de todo o *espaço de identidades LGBTQIA+*, com a *identidade bissexual* ocupando o centro do espaço. A *matriz "Junguiana"* herda, porém, duas características limitantes, presentes nas matrizes anteriores: a *polarização* do espaço de identidades de gênero, com as identidades *masculina heterossexual* e *feminina heterossexual* ocupando os extremos do espaço, e a *fixidez* das identidades de gênero. Vê-se também que esse espaço também tem uma estrutura discreta, fazendo com que a *matriz "Junguiana"*, assim como as matrizes anteriores, também não alcance a *totalidade* das identidades de gênero *possíveis*.

6.5 O Par Animus/Anima como Fundamento Condicionado da Matriz "Junguiana" de Identidade de Gênero

Como no caso das matrizes anteriores, a *matriz "Junguiana"* também não contempla a determinação de todas as *características essenciais* da identidade de gênero de cada pessoa. As características que a compõem (o conjunto de pares *anima/animus*, com suas variadas intensidades) são pensadas mais como *causas* dessas identidades do que como caracterizações da mesma. Nesse sentido (e sendo considerados como elementos *imediatos*, não derivados de outros), esses pares precisam ser compreendidos como constituindo o *fundamento condicionado* da operação de *atribuição de identidade* com base na *matriz "Junguiana"* e, portanto, dessa matriz.

7 A Matriz Butleriana

A *ideia Butleriana* constitui a última etapa da progressão lógico-histórica da *ideia de identidade de gênero* proposta neste artigo. Como tal, os conceitos que caracterizam foram os conceitos com os quais se analisaram as ideias que a precederam, como consta nas seções anteriores.

O conceito que caracteriza especificamente a *ideia Butleriana de identidade de gênero* é o conceito de *performatividade*, isto é, de que as identidades de gênero devem ser atribuídas a uma pessoa, numa dada circunstância, com base nos atos de gênero que a pessoa realiza, naquela circunstância.

A seguir, expomos o conceito de *performance*, conforme adotado por Butler, caracterizamos a *matriz de inteligibilidade* que esse conceito fundamenta (a *matriz Butleriana*) e mostramos que tal fundamento tem caráter de *fundamento incondicionado*.

7.1 A Ideia de Identidade Fluida

A noção Butleriana de *identidade fluida* foi introduzida, de modo preliminar, no artigo (Butler 1989), escrito originalmente em 1981 segundo nota da autora. O termo "*identidade fluida*" foi introduzido, porém, apenas no livro *Problemas de Gênero* (Butler 2003), publicado originalmente em 1988.

A ideia de *identidade fluida* parece ser a *ideia originária* que orientou o trabalho de Butler a respeito da questão da *identidade de gênero*: elaborar um esquema conceitual (uma *matriz de inteligibilidade de gênero*) que se opusesse de modo radical a toda *ideia de identidade de gênero* que implicasse *fixidez* dessas identidades.

Em outros termos, elaborar um esquema conceitual que *legitimasse* a realização de qualquer *transição* entre *identidades de gênero diferentes*. Em consequência, um esquema conceitual que não fosse *compulsório* e admitisse *qualquer* identidade de gênero como *legítima*.

7.2 A Identidade de Gênero e a Performance de Atos de Gênero

O fundamento da *ideia Butleriana* de identidade de gênero, a noção de *performatividade*, foi introduzida no artigo (Butler 1988). Em uma primeira aproximação, é uma ideia extraída da área da *dramaturgia*, relativa à *performance* de um *papel* em uma peça teatral. Butler a define como a realização de um conjunto de *atos*.

Em oposição à mera ideia dramaturgicamente de performance, pela qual o ator constitui uma personagem, mas sem necessariamente ficar pessoalmente impactado por essa constituição, a ideia Butleriana de *performance* considera esse impacto como essencial: em sua ideia de *performance*, o *sujeito performador* não apenas constitui exteriormente sua personagem, mas a constituição dessa personagem implica imediatamente a constituição do próprio sujeito performador.

No caso das *identidades de gênero*, Butler estabelece que a *identidade de gênero* que se atribui a uma pessoa é relativa ao *conjunto de atos de gêneros* que essa pessoa realiza. Mais que isso, Butler estabelece que a realização de um *conjunto de atos de gênero* não estabelece apenas a *identidade atribuída* à pessoa, mas também sua *identidade constituída*, isto é, aquela que a pessoa constrói por si mesma e para si mesma, independentemente das atribuições de identidade de gênero que possam ser feitas a ela por outros ou por ela mesma.

7.3 O Fundamento Incondicionado da Matriz Butleriana

Nesse sentido, as *performances de conjuntos de atos de gênero* constituem, desde a perspectiva Butleriana, o *fundamento* da operação de *atribuição* de identidades de gênero e, com isso, da *matriz Butleriana*.

Mais que isso, as *performances de gênero* são tomadas por Butler como determinantes de *todas* as características essenciais das *identidades de gênero* que elas fundamentam. Quer dizer, a ideia de *performatividade de gênero* é tomada por Butler como o *fundamento incondicionado* da *matriz de inteligibilidade de gênero* que ela propõe. A *matriz Butleriana* considera imediatamente idênticos a performance de *atos de gênero* realizada por uma pessoa e o *gênero* que ela *atribui* a essa pessoa: aquela performance *expõe* exatamente todas as *características essenciais* desse gênero, nenhuma análise adicional é necessária para esta determinação.

7.4 O Espaço de Identidades de Gênero da Matriz Butleriana

Diferentemente dos *espaços de identidades de gênero* das matrizes anteriores, que têm uma *estrutura discreta*, o *espaço de identidade de gênero* da *matriz Butleriana* tem uma *estrutura contínua*: qualquer ponto desse espaço corresponde a uma identidade de gênero *legítima*, mesmo que essa identidade não costume ter um nome próprio.

Além disso, em função da ideia de que toda *identidade legítima é fluida*, o *espaço de identidades de gênero* da *matriz Butleriana* comporta a constituição de um conceito adicional, qual seja, o conceito de *trajetória de identidade de gênero*: uma *sequência de identidades de gênero* pelas quais uma pessoa pode passar

durante sua vida.

A Figura 8 ilustra o *espaço de identidades de gênero* constituído pela *matriz Butleriana*, mostrando:

- identidades de gênero para as quais *há nomes convencionais* (os pontos nomeados do espaço);
- identidades de gênero para as quais *não há nomes convencionais* (qualquer ponto não nomeado do espaço);
- *trajetórias* de identidades de gênero (linhas no espaço, representando sequências de identidades);
- identidades *fixas* (representadas por *pontos fixos* de trajetórias).

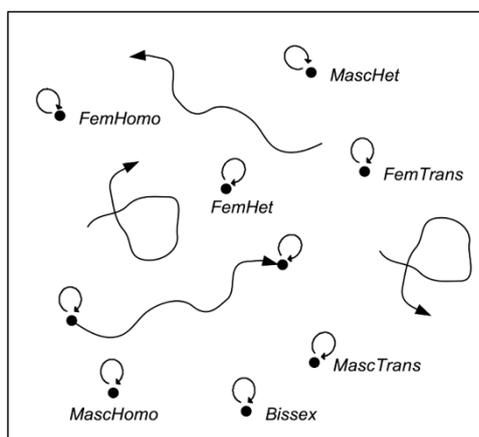


Figura 8: Espaço de identidades de gênero da *matriz Butleriana*.

Note-se, porém, que a figura tem caráter *bidimensional* ao passo que o *espaço de identidades de gênero* da *matriz Butleriana* tem, em verdade, caráter *multidimensional*.

8 Análise Geral da Progressão Lógico-Histórica da Ideia de Identidade de Gênero

8.1 A Progressão dos Espaços de Identidades de Gênero

A Figura 9 apresenta a progressão dos *espaços de identidades de gênero* que resultaram da progressão das *matrizes de identidade de gênero* elaborada neste artigo. Nota-se a diferença significativa entre o *espaço Butleriano* de identidades de gênero e os demais espaços.

Mais especificamente:

- o espaço Butleriano é *contínuo*, os demais são *discretos*;
- o espaço Butleriano é *infinito*, os demais são *finitos*;
- o espaço Butleriano contempla *identidades de gênero variáveis e identidades de gênero fixas*, os demais apenas *identidades de gênero fixas*.

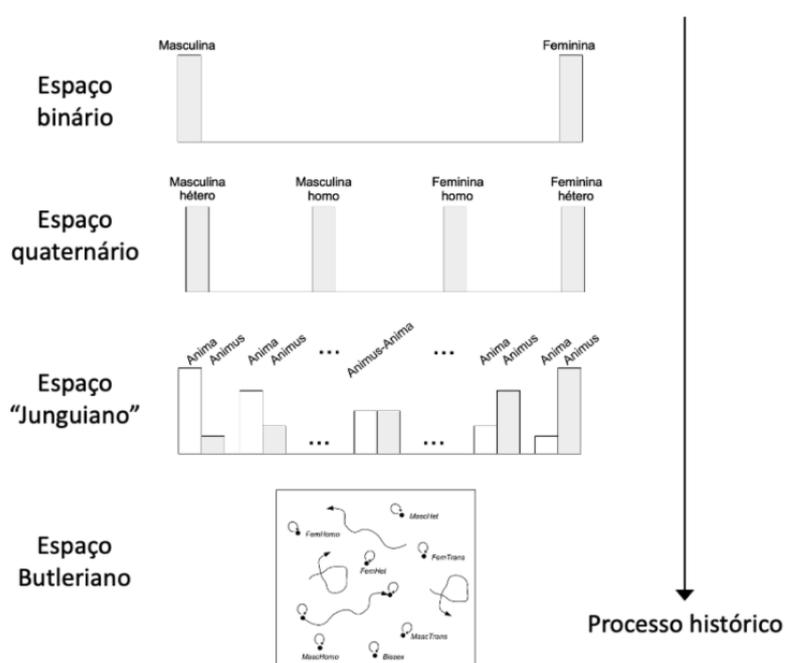
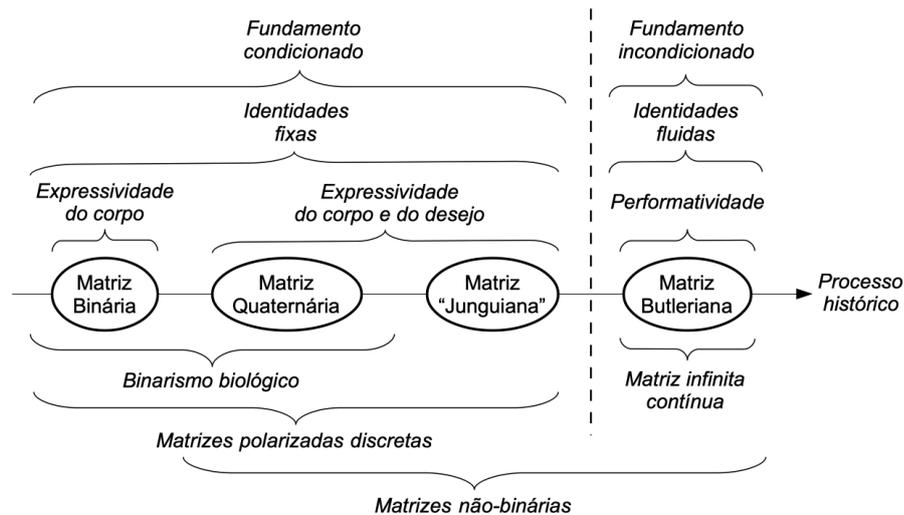


Figura 9: A progressão dos espaços de identidades de gênero.

8.2 Caracterização das Matrizes de Identidade de Gênero

A Figura 10 sumaria a caracterização das *matrizes de identidade de gênero* que constituem a progressão elaborada no artigo, identificando o escopo de cada característica presente na progressão. Toda matriz que se encontra fora do escopo de uma chave, tem característica oposta à característica correspondente a essa chave. Assim, por exemplo, a *matriz "Junguiana"* é *polarizada*, mas não pressupõe o *binarismo biológico*.



- Características lógicas mais básicas da progressão:
 - preservação das etapas anteriores
 - aumento progressivo da quantidade de gêneros

Figura 10: Caracterização geral das matrizes de identidade de gênero.

9 O Drama Social como Operador de Transição da Progressão Lógico-Histórica da Ideia de Identidade de gênero

Nesta seção, completamos a elaboração da *progressão lógico-histórica da ideia de identidade de gênero*.

Até este ponto, a elaboração contemplou apenas as *matrizes* que a compõem aquela progressão. Aqui, introduzimos uma *forma particular* para os *operadores* que realizam as transições históricas entre uma matriz e outra. Essa lacuna estava presente, no que foi apresentado anteriormente, porque apenas o aspecto da progressão promovido pelo *conceito lógico estruturador* estava sendo considerado.

A forma particular escolhida para os *operadores de transição histórica* de matrizes de identidade de gênero é aquela dos *processos sociais* que Victor Turner (1986) denominou *dramas sociais*.

9.1 O Conceito de Drama Social

Um *drama social* é um processo social, constituído de diversas etapas, pelo qual uma dada *regra* (ou, mais geralmente, uma *estrutura normativa*) que está vigente em um determinado momento, em um determinado *grupo social*, é publicamente *quebrada* por alguma *ação individual* ou *movimento social*.

A sequência de eventos que segue a essa *quebra da regra* pode levar a um *conflito* e uma *crise de unidade do grupo*, cuja solução é ou à *repressão da ação* ou *movimento* causador da ruptura, ou à *restauração da regra* por meio de uma solução negociada entre setores postos em conflito pela ruptura, ou à *institucionalização* de uma *nova regra* na sociedade.

A Figura 11 esquematiza a estrutura genérica do *drama social*.

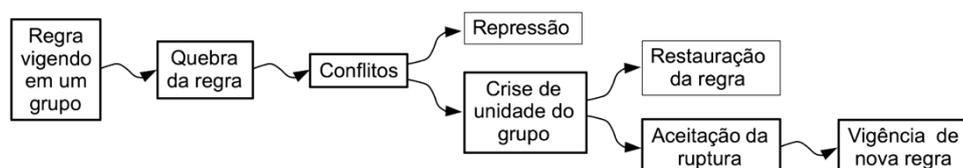


Figura 11: Estrutura do processo de um *drama*

9.2 O Drama Social como Operador de Transição da Progressão Lógico-Histórica da Ideia de Identidade de Gênero

A Figura 12 ilustra a proposta de que as *transições* entre as *matrizes de identidade de gênero* da progressão da *ideia de identidade de gênero* sejam vistas como causadas por *dramas sociais*, no sentido proposto por Turner.

Na Figura 12, a transição entre a *matriz Binária* e a *matriz Quaternária* é mostrada como tendo sido resultante da quebra da *Binária* motivada pelo *movimento Gay*, resultando em uma transição bem-sucedida.

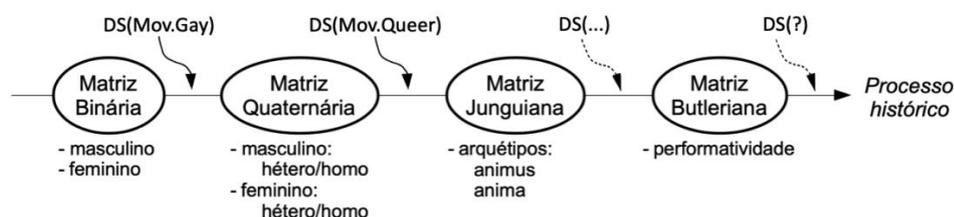


Figura 12: *Dramas sociais* como operadores de transformação histórica das matrizes da progressão.

Já a transição entre a *matriz Quaternária* e a *matriz "Junguiana"* é mostrada como resultante da quebra da *Quaternária* motivada pelo *movimento queer*, cujo sucesso ainda não está historicamente consolidado.

A figura deixa em aberto a questão de saber se o *movimento Queer* é capaz de avançar até estabelecer a vigência da *matriz Butleriana* ou se fica limitado a tentar estabelecer a vigência da *matriz "Junguiana"*.

Igualmente, a figura deixa em aberto a questão de saber se a *matriz Butleriana* é, desde o ponto de vista lógico-histórico, o *limite* que pode ser atingido pela *progressão lógico-histórica da ideia de identidade de gênero* ou se há a possibilidade de algum tipo de *drama social* capaz de quebrá-la e tentar instaurar a vigência de alguma *outra matriz*.

Conclusão

Este artigo apresentou a concepção de uma *progressão lógico-histórica* para a *ideia de identidade de gênero*, fazendo uso do *método hegeliano de análise histórica*. O método foi revisto em suas principais características. A ação do *conceito lógico estruturador*, essencial ao método, foi explicitada. O conceito de *progressão lógico-histórica de uma ideia*, resultado da aplicação do método à *análise histórica* de uma ideia, foi introduzido.

A *progressão lógico-histórica* que foi desenvolvida para a *ideia de identidade de gênero* foi estruturada em quatro etapas, representadas por quatro *matrizes de inteligibilidade de gênero: Binária, Quaternária, "Junguiana" e Butleriana*. O conceito de espaço de identidades de gênero de uma matriz de inteligibilidade foi introduzido e os espaços de identidades de gênero dessas quatro matrizes foram caracterizados.

As primeiras três matrizes mostraram constituir uma progressão linear, diferenciadas essencialmente pelo incremento constante do número de identidades presentes nos seus correspondentes *espaços de identidades de gênero*. A *matriz "Junguiana"* se diferenciou das anteriores por abolir o pressuposto do *binarismo biológico* como fator determinante das identidades de gênero. A *matriz Butleriana* mostrou representar uma ruptura total com a regra de progressão das matrizes anteriores, pela introdução de um *espaço de identidades de gênero* de caráter *infinito e contínuo*, suportando os conceitos de *variabilidade contínua* de identidades de gênero e de *trajetória de identidade de gênero*.

O conceito de *drama social*, introduzida por Victor Turner, foi proposto como determinado a forma lógica do *operador de transição* de *matrizes de*

inteligibilidade de gênero, o qual opera como o *motor histórico* da progressão lógico-histórica das mesmas.

Referências

BUTLER, J. Sexual Ideology and Phenomenological Description: A Feminist Critique of Merleau-Ponty's Phenomenology of Perception. In: Allen, J; Young, I. M. (eds.) *The Thinking Muse: Feminism and Modern French Philosophy*. Indiana: Indiana University Press, 1989. p.85-100.

BUTLER, J. Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory. *Theatre Journal*, vol. 40, n. 4, 1988. p.519-531.

BUTLER, J. *Problemas de Gênero: Feminismo e a Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

FRANCO, C. Sagrado Não-Binário? O Conceito de Psique Andrógina na Reformulação do Debate de Gênero no Sagrado Feminino. *Mandrágora*, v.25, n. 2, 2019, p. 127-151

HEGEL, G. W. F. *Filosofia da História*. Brasília: Editora da UnB, 2008.

HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica - Vol. 1: Doutrina do Ser*. Petrópolis: Vozes, 2016.

HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica - Vol. 2: Doutrina da Essência*. Petrópolis: Vozes, 2017.

HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica - Vol. 3: Doutrina do Conceito*. Petrópolis: Vozes, 2018.

RICH, A. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. *Signs*, Vol. 5, No. 4, 1980. pp. 631-660.

SANFORD, J. A. *The Invisible Partners: How the Male and the Female in Each of Us Affects our Relationships*. New York: Paulist Press, 1980.

TURNER, V. W. Dewey, Dilthey, and Drama: An Essay in the Anthropology of Experience. In: Turner, V. W.; Bruner, E. M. (eds.) *The Anthropology of Experience*. Chicago: University of Illinois Press, 1986. p.33-44.

Recebido em: 23/09/2022.

Aprovado em: 15/12/2022.

Publicado em: 15/12/2022.